

Um estudo sobre a prática da fraude acadêmica em quatro continentes

A study on the practice of academic fraud in four continents

Lorena Martins Costa¹
Maria Alzira Pimenta²

¹ Graduanda em Direito, Universidade de Uberaba, MG.
E-mail: lorena.bols18@yahoo.com.br

² Doutora em Educação, Universidade de Sorocaba, SP.
E-mail: alzira.pimenta@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa teve como objeto os estudos sobre fraude acadêmica (*cola, plágio e falseamento de dados de pesquisa*). A pergunta que serviu de orientação foi: Como a prática da fraude acadêmica é estudada em diferentes países? A relevância desta pesquisa é proporcionar subsídios para a reflexão sobre essa prática que tem sérias implicações na formação dos estudantes. O objetivo geral foi compreender as diferentes formas de se estudar o fenômeno da fraude acadêmica. Dentre os objetivos específicos, destacam-se: levantar artigos científicos que tratem de estudos sobre a fraude acadêmica; identificar os objetivos, metodologia e resultados dos estudos; comparar e analisar esses três elementos dos artigos. Fizeram parte da metodologia: a revisão bibliográfica, a pesquisa telematizada e a análise documental. Os resultados indicaram que essa prática demanda das Instituições de Ensino Superior maior atenção e colaboração entre o pedagógico e o administrativo, no sentido de definir estratégias que evitem a fraude no processo de avaliação da aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE

fraude acadêmica
avaliação
pesquisa

ABSTRACT

This research had as object the study of academic fraud (cheating, plagiarism and falsification of research data). The question that has guided was: As the practice of academic fraud is studied in different countries? The relevance of this research is to provide support for reflection about this practice that has serious implications for the training of students. The overall objective was to understand the different ways of studying the phenomenon of academic fraud. Among the specific objectives are: to raise scientific papers dealing with studies on academic fraud; identify the objectives, methodology and results of the studies; compare and analyze these three elements of the articles. Were part of the methodology: a literature review, the telematic research and document analysis. The results indicated that this practice is of higher education institutions greater attention and collaboration between the educational and administrative, to define strategies to prevent fraud in the process of learning evaluation.

KEY WORDS

*academic fraud
evaluation
research*

1 INTRODUÇÃO

A conjuntura educacional do Brasil¹ apresenta dados preocupantes. Bruini (2008) observa que, mesmo com o programa social que incentivou a matrícula de 98% de crianças entre seis e 12 anos, 731 mil crianças ainda estavam fora da escola, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O analfabetismo funcional de pessoas entre 15 e 64 anos foi registrado em 28%, no ano de 2009, pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE); 34% dos alunos que chegam ao 5º ano de escolarização ainda não conseguem ler; 20% dos jovens que concluem o Ensino Fundamental, e que moram nas grandes cidades, não dominam o uso da leitura e da escrita (Todos pela Educação). Esse cenário pode justificar, em parte, a prática da fraude acadêmica uma vez que ela possibilita mascarar, ainda que momentaneamente, os resultados. Propomos pesquisar a fraude acadêmica (cola) como um desafio a ser vencido para se alcançar um ensino de qualidade. Sabe-se que a educação é um processo em que deveriam estar presentes valores imprescindíveis à formação humana. São os valores que podem ajudar a preparar o educando para exercer a cidadania e buscar sua qualificação para o mundo do trabalho.

O objeto dessa pesquisa² é a fraude acadêmica e suas diversas formas no mundo. Por que a fraude em avaliações é um tema importante? Os resultados de exames têm servido como evidência, até mesmo como garantia de formação profissional. Aqueles que completam seus estudos são certificados para entrarem no mercado de trabalho e como capazes de assumir responsabilidades para desempenhar suas funções. A economia moderna é complexa e depende dessa garantia. Se a avaliação da aprendizagem é fraudada, a sociedade, como um todo, pode ter problemas nos serviços prestados por engenheiros, professores, médicos, advogados, entre outros. Os certificados e diplomas, que

¹ O país ficou com a 53ª colocação entre 65 países no Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa), elaborado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

² Essa pesquisa fez parte do projeto Ética e a Qualidade do Ensino Superior Brasileiro: um Estudo sobre a Cola como Dispositivo de Formação, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (Parecer PAPE 2009/022) e financiada pela FAPEMIG (Fundação de Amparo a Pesquisa de Minas Gerais).

atestam a formação profissional, servem, também, como garantias de um sistema de trabalho e de educação.

O papel das faculdades e universidades, que certificam os estudantes, não é apenas desenvolver as habilidades acadêmicas e expandir conhecimento, mas também discutir valores, transmitir padrões de conduta e aprimorar o caráter. Mas, atualmente, elas são chamadas a responder a um aparente aumento de má conduta associado à prática de fraude acadêmica.

Há alguns países que já definiram estratégias de combate à fraude acadêmica, como os Estados Unidos, Alemanha, Austrália e Suécia. Na Alemanha, alguns consideram a “cola” como um problema social e para solucioná-lo sugeriram que as universidades formem comissões de ética para combatê-la. Na Suécia, os casos de cola e plágio na vida acadêmica são considerados com seriedade e as punições também são graves (PAULSEN, 2009).

No Reino Unido e nos Estados Unidos, a prática do plágio é considerada gravíssima chegando a casos de punições acadêmicas como a expulsão do fraudador. Uma curiosidade, que vai contra a essa lógica de que plagiar e “colar” são práticas imorais, ocorre na China. Lá, o plágio é tratado de forma diferente, pois se considera que palavras e ideias pertencem à cultura e à sociedade e devem ser compartilhadas entre os indivíduos, assim não há violação da autoria e como também não é valorizada a originalidade (SANTOS, 2014).

Na educação, se levarmos em conta a importância, as implicações e a frequência da fraude acadêmica, é possível constatar que, mesmo sendo tão presente, é pouco discutida, principalmente nos meios acadêmicos. Sendo assim, a pergunta que orientou a pesquisa foi: como a prática de fraude acadêmica é vista e estudada em diferentes países? A relevância desta pesquisa está na busca de subsídios para a reflexão sobre esse fenômeno que tem sérias implicações na formação dos estudantes.

Sabe-se que a fraude acadêmica é pouco pesquisada em nosso país (PIMENTA, 2008) e tem sido banalizada em nossas universidades. O que se procura ressaltar nesta pesquisa é o quanto a fraude está se tornando um problema tanto em escolas fundamentais quanto em Instituições de Ensino Superior (IES) e como essa prática corriqueira é vista e tratada em diferentes culturas. Faz-se necessário, portanto, investigar e analisar como as práticas e atitudes vêm instaurando-se nas escolas para obter

subsídios que possibilitem pensar formas de intervenção. Entendemos que conhecer as pesquisas sobre a fraude acadêmica e a forma como está sendo enfrentada, em outros países, enriquece a discussão sobre o que fazer no Brasil.

Para tanto, o objetivo geral da pesquisa foi *comparar e analisar* as diferentes formas que o fenômeno da fraude acadêmica é estudado, a partir de um levantamento realizado em periódicos científicos de quatro continentes. Dentre os objetivos específicos, destacam-se: *realizar* um levantamento de artigos científicos que abordem pesquisas sobre a fraude acadêmica nos continentes: europeu, americano, africano e asiático; *identificar* elementos constitutivos da pesquisa, especialmente: os objetivos, a metodologia e os resultados; e *comparar e analisar* esses três elementos dos artigos, procurando identificar a forma como a fraude em avaliações é tratada.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa foi pensada, quanto aos objetivos, como descritiva (GIL, 1991), pois pretendeu descrever as formas como a fraude acadêmica tem sido estudada no mundo. Ainda, alinha-se com uma abordagem qualitativa por considerar a relevância da descrição do fenômeno e da abertura para compreendê-lo, sem perder o foco. A prática da fraude foi examinada “com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora de nosso objeto de estudo” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 49).

Os procedimentos metodológicos envolveram uma revisão bibliográfica, uma pesquisa telematizada e uma análise documental. A revisão bibliográfica buscou a fundamentação sobre o fenômeno da fraude acadêmica: conceitos, definições e visões. Os autores que fazem parte do referencial teórico são: Barbosa (2009), Pimenta (2008, 2010), Pimenta e Pimenta (2011), Silva et al. (2006), Vasconcelos (2007), entre outros.

A pesquisa telematizada, utilizada para encontrar informações em meios que combinam o uso do computador e as telecomunicações (MORESI, 2003), em especial a internet, foi imprescindível para auxiliar na localização e definição dos artigos sobre fraude, objeto de análise da

pesquisa. A busca na internet de resultados por associação dos termos: *cheating, academic cheating* e o nome dos continentes.

Foram levantados, no Google acadêmico, quinze artigos acadêmicos - três de cada um dos cinco continentes, que tinham como objeto a fraude acadêmica, que se constituíram como documentos da análise. Procedeu-se à tradução, à leitura e à análise deles para se entender como esse fenômeno vem sendo estudado. Foram identificados os objetivos, a metodologia, os resultados de cada estudo, além da pergunta de cada um, suas justificativas, ou seja, a relevância, os pressupostos e as sugestões que possam ajudar a minimizar a fraude.

Essa análise ampla possibilitou a familiarização com o tema, a estrutura e a linguagem dos artigos acadêmicos. O quadro 1 é um exemplo do formulário que foi elaborado para ser preenchido com informações sobre os artigos para a primeira seleção. Os artigos eram marcados com uma sigla. Exemplo: Artigo Europa 1, 2011, ficava: AE1 - 2011.

ARTIGO_AE1, 2011

Título: Academic Cheating is Contagious: the Influence of the Presence of Others on Honesty: a study report

Autor(es): Agata Błachnio, Malgorzata Weremko

Abstract: The main aim of the study was to investigate the determinants of academic dishonesty. Its scope was limited to the specific kind of dishonest behavior which is commonly present among students: the phenomenon of academic dishonesty, manifested in cheating (colloquially: cribbing) on tests, exams, etc. The author predicted that an agreement between each participant and the experimenter would induce participants to remain honest. The research was conducted in the form of a laboratory experiment. The results indicated that the presence of the experimenter's confederate was significant. Participants cheated more often when the other person cheated than they did when writing the test individually. However, it turned out that the agreement had no influence on the participants' behavior. Another research problem concerned the influence of personality determinants on dishonesty. The effect of self-esteem and attitude towards disloyalty on disloyal behavior was investigated. The main results showed that the participants who cheated had lower self-esteem in comparison with those who did not cheat. As regards attitude towards disloyalty, it was found that loyalty had a low value for the participants who cheated, while non-cheaters valued it highly.

Key words: Cheating, Academic Honesty, Self-Esteem, Disloyalty

Quadro 1 – Formulário para identificação e definição dos artigos

Posteriormente, a amostra foi reduzida e foram selecionados três artigos dos continentes: Europa, África, América do Norte e Ásia, totalizando 12. O quadro 2 era preenchido com o que se buscava em cada um dos três artigos: objeto, pergunta da pesquisa, objetivos, metodologia e resultados. Sendo que, para efeito deste artigo, somente os três últimos foram analisados. O período de publicação dos artigos vai de 2001 a 2011. Nesses artigos, foi realizada a análise documental, identificando: os objetivos, a metodologia e os resultados, inicialmente, considerando o conjunto de cada continente e, posteriormente, considerando os quatro conjuntos.

O que se buscava	Artigo I	Artigo II	Artigo III
Objeto			
Pergunta da pesquisa			
Objetivos			
Metodologia			
Resultados			

Quadro 2 – Análise dos artigos do continente _____

A análise documental possibilitou inferir tendências na forma como a fraude acadêmica tem sido estudada no mundo. Para orientá-la, foi utilizada a matriz de análise apresentada no quadro 3.

Questão	O que se queria saber
Com quais objetivos se tem pesquisado a fraude em avaliação (cola)?	Para que os pesquisadores têm empenhados esforços de entendimento sobre a fraude em avaliação (cola)
Com qual metodologia se pesquisa a fraude em avaliação (cola)?	Quais procedimentos metodológicos são utilizados nas pesquisas e sua adequação aos objetivos.
Quais resultados têm sido encontrados nas pesquisas sobre fraude em avaliação (cola)?	O que as pesquisas têm revelado sobre o universo da fraude em avaliação (cola): práticas, concepções, relações.

Quadro 3 – Matriz de análise

A fraude acadêmica no mundo

A fraude acadêmica é bastante pesquisada, fora do Brasil. Green (2004 apud PIMENTA, 2008) contribuiu para definir o fenômeno da traição/burla/fraude, ao tentar aplicar esse conceito ao conjunto de leis sobre o “colarinho branco”. Esse conceito fornece fundamentos para explicar a “injustiça moral” que colabora na definição de crimes ligados à evasão de divisas e compras ilegais de ação. As várias manifestações da traição/burla são associadas a um comportamento não cooperativo ou a algum termo de desaprovação moral. Green (2004 apud PIMENTA, 2008) sugeriu dois critérios para definir o que deveria ser considerado traição/burla. Primeiro, ela deve envolver a violação de uma regra prescritiva, compulsória, regulativa e orientadora de condutas. Segundo, a regra deve ser justa, aplicada com justiça e, ao ser violada, promover alguma vantagem para o violador, em uma relação que se pensa cooperativa.

A definição de normas pelas IES tem se mostrado, aparentemente, insuficiente para conter o crescimento da fraude, muito menos eliminá-la, completamente. Para alguns indivíduos, o ganho desejado, que é o prêmio dos bons resultados, é tão tentador e tão valioso que compensam os custos financeiros esperados, em algumas instâncias, penal em outras, e moral, em todos os casos. Se a fraude não pode ser eliminada inteiramente da vida acadêmica, pode sua incidência ser reduzida? O que os gestores de faculdades poderiam e precisariam fazer além do que já estão fazendo? Mais que normas, não seria necessária a discussão do que implica a fraude? Quais mudanças são necessárias no atual regime acadêmico? São perguntas frequentes que precisamos analisar criticamente para se chegar a uma resposta que solucione essa prática.

Silva e Carrilho (2006) realizaram um estudo na Faculdade de Economia da Universidade do Porto (FEP), que avaliou 21 países, de quatro continentes, pelo qual os resultados apontam uma “forte correlação” entre o índice de corrupção do país com o índice de alunos universitários que praticam a fraude acadêmica. Nesse estudo, foram pesquisados mais de sete mil estudantes, e os autores observaram que:

Os países nórdicos, vistos como os menos corruptos do mundo, apresentam igualmente níveis baixos de incidência de fraude acadêmica. É o caso da Suécia e da Dinamarca [...] Também as Ilhas Britânicas e a Nova Zelândia, que pontuam baixo no índice

de corrupção, apresentam porcentagens baixas de alunos que admitem copiar nos exames. [...]

Em Portugal, 62,4% dos alunos universitários, à semelhança do que se passa noutros Estados da Europa do Sul, admitem copiar nos exames às vezes ou quase sempre - aparece também como um dos países onde a corrupção percebida é mais elevada. No topo da tabela que relaciona corrupção e fraude acadêmica surgem países como Polônia, Romênia, Brasil, Eslovênia, Espanha e França. (SILVA; CARRILHO, 2006, p. 1).

Um estudo conduzido por Bowers (1964), nos Estados Unidos da América, mostrou que 75% dos 5.000 estudantes, entrevistados em 99 instituições, admitiram cometer algum tipo de fraude, durante a graduação. A pesquisa realizada por McCabe (1999), em 31 das melhores instituições americanas, com uma amostra de 6.097 estudantes, indicou que 67% dos estudantes praticaram alguma forma de desonestidade acadêmica. Esses estudos sugerem que a desonestidade acadêmica é um problema crônico e crescente.

A alta incidência de fraude revelada pelas pesquisas levou os estudiosos a recomendarem que as instituições de ensino desenvolvam políticas reeducativas, ou até mesmo punitivas, para diminuir esta incidência. Essa alta incidência tem sido atribuída a uma crise ética cujo responsável, segundo Moraes (s.d.), é o próprio ser humano. Esse autor observa o equívoco de se atribuir à rede mundial de computadores a responsabilidade da crise ética, até porque ela é um importante instrumento de pesquisa acadêmica e tende a ser cada vez mais valorizada na sociedade da informação em que vivemos. Assim, três práticas são consideradas fraude acadêmica, são elas: a) o *plágio*; b) a *falsificação de dados de pesquisa*; e c) a *cola*.

a) O plágio

Segundo Vasconcelos (2007), o plágio, na visão da maioria dos países de língua inglesa é definido como a “apropriação ou imitação da linguagem, ideias ou pensamentos de outro autor e a representação das mesmas como se fossem daquele que as utiliza”. Contudo o plágio é ou pode ser considerado um dos mais graves problemas (provavelmente, o pior) que pode haver em um trabalho acadêmico. Plagiar significa que alguém se apoderou das ideias alheias e as usa (ou expõe) como se fossem suas. Existem várias formas de plágio, uma delas e, talvez a

mais usada, seria copiar um trabalho e, simplesmente, “apagar” o nome do autor. Uma segunda forma de plágio seria quando o aluno não copia apenas um texto por inteiro de um autor, mas sim partes de vários trechos de diferentes textos.

É importante observar que os avanços tecnológicos tornaram a prática da fraude mais fácil. A aquisição de trabalhos prontos “originais” de sites da web, desde pequenos trabalhos até teses de doutorado, pelos estudantes tornou-se tão barato e banal quase como comprar o lanche da escola. Ao mesmo tempo, telefones celulares e MP3 players deram aos estudantes novas ferramentas: mensagens com foto permitem que eles contatem amigos fora da sala de aula com cópias do exame.

b) A falsificação de dados de pesquisa

Recentemente, a mídia³ tem divulgado vários casos de fraude em pesquisa, inclusive com a exposição pública dos envolvidos. As denúncias envolvem desde a falsificação até a apropriação de dados de pesquisa. A análise da incidência desse tipo de fraude está associada a pressão por publicações sofrida pelos pesquisadores.

Torresi, Pardini e Ferreira (2009) apresentam diversas maneiras de fraudes nas publicações científicas, como por exemplo:

Na autoria com exclusão de autores ou inclusão de autores que não tiveram participação no trabalho, apropriação de dados de outros, ausência intencional de citação de fontes ou referências, ocultação ou fabricação de dados de um experimento, tratamento de dados intencionalmente feito de forma a provar algum aspecto que interessa os autores etc. (TORRESI; PARDINI; FERREIRA, 2009, p. 1).

Estes autores chamam atenção para o fato da fraude na pesquisa representar a falta de honestidade em relação ao trabalho alheio, pelo qual o “fraudador tenta levar alguma vantagem sobre seus colegas, além do dano que pode causar dependendo da área científica que esteja atuando” (TORRESI; PARDINI; FERREIRA, 2009).

Hossne e Vieira (2007, p. 40) ressaltam o que pode ser considerado fraude em ciência, que: “legalmente, considera-se fraude em ciência

³ A mais recente divulgação: “Pela primeira vez, Fapesp torna públicas fraudes científicas”, de 28/11/2014, disponível em: <http://www.abc.org.br/article.php3?id_article=3708>.

uma apresentação de fatos ou dados deliberadamente errados, feita por quem sabe a verdade. Essa apresentação visa enganar a comunidade científica e, disso, tirar proveito”.

c) A cola

Esta, provavelmente, é o tipo de fraude mais frequente e disseminada com praticantes de diversas classes e idades. Segundo Pimenta (2008), a cola é o ato de copiar respostas em exames e pode se apresentar de várias formas: um pequeno lembrete utilizado na hora da prova, como forma de consulta; um aluno passar a resposta para o colega; ou até mesmo aquela olhadinha para a prova do colega ao lado. É possível dizer que este comportamento esteja se banalizando e associá-lo aos valores de uma sociedade em que o importante não é ser, mas parecer que se é. Neste caso, o importante não é saber, conhecer, aprender, mas parecer que sabe, que conhece, que aprendeu.

De acordo com Barbosa (2009), a cola nas Instituições de Ensino Superior (IES), quando abordada, é dada pouca importância, por isso, não é discutida nem reprimida, apenas parece que não é vista como um problema educacional grave a ser resolvido. O autor apresenta alguns possíveis motivos para a prática da cola, identificando dois responsáveis por essa ocorrência: os próprios professores e os alunos. Segundo Barbosa (2009), a responsabilização da cola por parte do professor é pelo fato de:

- Preparar aulas direcionadas apenas para os seus exames;
- Não conhecer o que realmente é avaliação;
- Não trabalhar suas aulas de modo contextualizado e participativo;
- Sua figura em sala de aula ser de um narrador com muitos ouvintes e, somente, a memorização poderá guardar sua fala, como se esses ouvintes fossem recipientes vazios que de, pouco em pouco, são cheios pelos conhecimentos do narrador;
- Excesso de aulas expositivas;
- Incapacidade de orientar as pesquisas dos alunos;
- Descaso na elaboração do Plano de Ensino e das aulas;
- Falta de criticidade nas aulas e discussões sobre os temas em sala de aula.

Quanto à responsabilidade dos alunos, o autor observa que:

- Os alunos não conseguem realizar as leituras, porque trabalham entre oito e dez horas por dia para pagar a faculdade/universidade;

- Já chegam cansados para assistir às aulas depois de um longo dia de trabalho;
- Não têm tempo de estudar porque além das atividades profissionais e a necessidade de ficarem sentados assistindo aula das 18h30 às 22h, de segunda a sexta-feira, eles ainda têm outros compromissos pessoais.

É possível observar que o autor responsabiliza muito mais os professores, o que pode ser questionado, mas a partir de aspectos presentes no cotidiano das escolas. Barbosa (2009) faz uma analogia da fraude acadêmica com a que ocorre nos esportes. Nestas situações, acontece um incentivo claro e definido: aprovar e reprovar, no caso da prova; vencer e perder, no caso da competição esportiva. Nos dois casos, avaliação e competição esportiva, a presença da fraude tem se tornado frequente e banal. Na avaliação, a fraude é a cola; no esporte, a fraude pode ser o *dopping*, o descumprimento de regras.

Barbosa (2009) expressa seu entendimento sobre como os alunos veem a prova. Para eles, ao fazerem a prova, estão preocupados em tirar nota para que no final do período, tenham uma média boa. A aprendizagem e a formação ficam em segundo plano. Não seria um erro valorizarem mais a nota que o conhecimento? Não seria necessário repensar quais valores estão respaldando esta atitude?

Barbosa (2009) apresenta algumas maneiras para combater a cola. A primeira delas é envergonhar os alunos, se possível no momento que colam. Essa estratégia, também questionável, parece o oposto da “vista grossa”, feita por alguns professores.

Entendemos que ao propor a adoção de uma política educacional de estado, focada no estudo, na leitura e escrita, e, sobretudo, em práticas educativas que se concretizassem com o apoio, o interesse e a valorização da pesquisa, Barbosa (2009) trata do aspecto essencial dessa questão, qual seja, a falta de valorização do conhecimento e da escola como instituição de educação e transformação.

Barbosa (2009) fez uma projeção que nos instiga a pensar sobre os desdobramentos da cola:

No futuro não muito distante, provavelmente um profissional não praticante da “cola” quando estudante, não convidará um daqueles alunos que “colavam” na faculdade, para, juntos, estabelecerem uma sociedade de negócios, ou mesmo para participarem de um mesmo grupo de trabalho específico.

Uma pessoa que na faculdade colava, pois, ao invés de estudar, optava pelo meio mais fácil de obter a média para ser aprovada, não se tornaria de certa forma um profissional de competência duvidosa? E assim sendo, não seria provavelmente a última opção de alguém para algum negócio ou parceria?

Por que os alunos colam?

Há várias motivações para a cola. É possível afirmar que as causas são complexas. No Brasil, as *provas difíceis* e a necessidade de ter *média* é a motivação para colar segundo a grande maioria dos estudantes pesquisados por Pimenta e Pimenta (2011). A preocupação dos estudantes com a média obtida nas avaliações está relacionada com a competitividade instaurada não só no interior da formação acadêmica como também aquela competitividade que se instaura no mercado de trabalho. De fato, quanto maior a média, mais competitivo e adequado ao mercado estaria o estudante.

Apesar de muitos estudantes admitirem que colar é errado moralmente, eles raramente contam se outro estudante está colando. É de se notar que alguns estudantes veem a cola como um meio legítimo para seguir em frente, essa percepção pode ser reforçada pelas poucas ou inexistentes sanções à cola. Silva et al. (2006) analisaram a cola comparando essa prática em dois tipos de cursos de graduação em Engenharia de universidades públicas do Estado de São Paulo com graus de competição distintos. Os autores relacionaram a prática da cola a altruísmo, e observaram que no curso em que a competição praticamente não existia, os alunos admitiam que colavam, frequentemente. Já no curso, em que sabidamente havia competição, ocorria o contrário, ou seja, a incidência de cola era bem menor.

É importante considerar que a cola também depende de características da sala de aula ou instituição, assim como o planejamento das avaliações e seu nível de dificuldade. Esses aspectos remetem a outros ligados à prática pedagógica e ao sistema avaliativo, que precisaria ser mais discutido nas IES. Estas, apesar da preocupação com a cola, raramente discutem regras sobre fraude acadêmica em suas salas de aula. Além disso, frequentemente, a cola é tratada como um problema isolado.

Fraude acadêmica e ética

Para o enfrentamento da fraude acadêmica, é fundamental que se discuta mais a partir da ética, do que da moral, apesar de esta ser uma dimensão importante também. Aristóteles definia a ética como a busca pelo bem comum. Considerando esta concepção, a fraude não é ética uma vez que sua prática favorece somente o indivíduo que dela fez uso. Pensando no bem de todos, da sociedade, a fraude possibilita, pela certificação, o desempenho profissional de pessoas com lapsos de aprendizagem que podem comprometer a vida, a educação, a segurança de outras pessoas. Isso não é ético. Pimenta (2008) relaciona a prática da cola com a desvalorização do conhecimento e com o “jeitinho brasileiro”, em que os brasileiros simulam e tiram vantagens de variadas situações, relacionando também a cola com toda a corrupção e a crise ética presente na sociedade.

3 DISCUSSÃO

Após a leitura dos artigos pesquisados e análise documental, foi identificado que:

- na Europa (AE1 - 2011, AE2 - 2011 e AE3 - 2009)

Quanto aos *objetivos*, o AE1 procurava compreender os fatores determinantes da desonestidade acadêmica; o AE2, explorar e entender as justificativas dadas pelos alunos para o comportamento desonesto e compreender até que ponto as justificativas dadas podem influenciar a denúncia e a prática da fraude; e o AE3, informar aos educadores sobre o compra de trabalhos para prepará-los para lidar com esse fenômeno.

Quanto à *metodologia*, no AE1 foi realizado um experimento com observação do comportamento de estudantes ao responderem a um teste de ortografia, se colavam ou não; no AE2, um levantamento com aplicação de questionário; e, no AE3, revisão bibliográfica.

Quanto aos *resultados*, no AE1, concluiu-se que os participantes que burlavam tinham baixa autoestima, em comparação com aqueles que não burlavam. Verificou-se, também que a lealdade tinha um valor baixo para os que burlavam, enquanto os que não burlavam a

valorizavam muito; no AE2, os resultados suportam a noção de que contexto exerce forte influência na decisão de fraudar. A pressão dos pares e as atitudes normalizadas para com a desonestidade acadêmica são as principais influências sobre a propensão a fraudar; e, o AE3, propôs estratégias para lidar com o problema da compra de trabalhos.

- na África (AF1 - 2009, AF2 - 2007 e AF3 - 2011)

Quanto aos *objetivos*, o AF1 pretendia avaliar a percepção e as respostas à desonestidade acadêmica entre os estudantes da Universidade de Addis Abeba e da Universidade Jimma; o AF2, analisar as relações entre os traços de personalidade e frequência de premeditação de fraude em testes e exames entre os estudantes universitários; e o AF3, identificar a porcentagem de estudantes que praticam fraude em exames internos e externos e quais tipos de fraude.

Quanto à *metodologia*, no AF1, foi realizado um levantamento com aplicação de questionário e realização de entrevistas; no AF2, e, no AF3, foi realizado um levantamento com aplicação de questionário.

Quanto aos *resultados*, no AF1, 89% dos professores entrevistados relataram incidência de fraude acadêmica por parte dos alunos, com magnitude variando entre uma e mais de dez vezes; e é um problema sério tanto na Faculdade de Educação quanto na Faculdade de Negócios e Economia; no AF2, a falta de esforço e uma necessidade para buscar alta excitação podem predispor a praticar a fraude acadêmica. Um modelo para explicar fraude acadêmica é apresentado; e, o AF3, resultados do estudo indicaram que todos os participantes praticaram fraude em algum exame e 53,44% já fraudaram duas vezes.

- na América do Norte (AM1 - 2009, AM2 - 2006 e AM3 - 2011)

Quanto aos *objetivos*, o AM1 procurava analisar uma série de recursos relacionados com questões que envolvem a fraude acadêmica e casos de violação de direitos autorais nos campi universitários; o AM2, conhecer as atitudes dos estudantes sobre o uso antiético da tecnologia de informação (como por exemplo, cortar e colar trechos de sites da Web sem atribuição de autoria) em duas instituições; e o AM3, analisar

o engajamento de estudantes de graduação a partir de auto-relato de atos de desonestidade acadêmica.

Quanto à *metodologia*, no AM1 revisão bibliográfica; no AM2, primeira fase: grupo focal; e segunda fase: um levantamento com aplicação de questionário; e, no AM3, levantamento com aplicação de questionário, amostra de 321 participantes de uma universidade pública.

Quanto aos *resultados*, no AM1, a tecnologia tem ajudado a facilitar uma habilidade do estudante para cometer atos de desonestidade acadêmica e infringir as leis de direitos autorais, mas não tem sido a única razão por trás destes atos. Invés de desenvolver a compreensão, a educação tem obtido como resultado a incapacidade do aluno de escrever ensaios com sucesso usando citações apropriadas; no AM2, os estudantes que desaprovam os comportamentos que buscavam altas sensações em atividades que envolviam álcool, drogas e sexo, em geral, são mais sérios, idealistas, têm como princípios éticos não fazer mal aos outros; e, no AM3, mais de metade dos participantes admitiram envolvimento em pelo menos um dos três tipos de comportamentos desonestos pesquisados, durante a sua permanência na universidade. Envolvimento com o curso, as estratégias para a aprendizagem, além de identificar as percepções e avaliações de fraude acadêmica pelos pares e os seus pedidos de ajuda são contribuições únicas para a prevenção da mesma. Elevada auto-eficácia atuou como um fator de proteção, que interagia com motivos instrumentais para estudar, reduzindo a propensão dos alunos a se envolver em comportamentos acadêmicos desonestos.

- na Ásia (AS1 - 2011, AS2 - 2011 e AS3 - 2009)

Quanto aos *objetivos*, o AS1 propunha investigar a fraude acadêmica entre estudantes do Instituto Técnico, na Malásia, mais especificamente: as técnicas, as medidas preventivas e que tipo de apoio é dado aos professores para lidar com incidentes de fraude; no AS2, os autores pretendiam estudar a fraude acadêmica entre os estudantes de contabilidade em uma universidade, de Jacarta; e, no AS3, examinar a percepção de estudantes de Cingapura em relação à prevalência e à severidade da fraude acadêmica e a disposição para denunciar à autoridade competente casos observados.

Quanto à *metodologia*, no AS1, foram aplicados questionários com perguntas abertas para identificar as técnicas de fraude e uma entrevista para obter percepções de docentes e de estudantes sobre fraude; no AS2, foi aplicado um formulário adaptado da pesquisa de Newstead, Frankly-Stokes, e Armsted (1996) para detectar fraude acadêmica; e no AS3, um levantamento com aplicação de questionário;

Quanto aos *resultados*, no AS1, constatou-se que os participantes acreditavam que, mesmo se medidas preventivas fossem tomadas, não seria possível parar com a fraude acadêmica inteiramente; no AS2, indicam que a maioria dos participantes realizavam vários tipos de fraude acadêmica e que este fato tende a diminuir sua honestidade no local de trabalho; que as instituições de ensino e suas equipes precisam levar a sério esta tendência; e, no AS3, alunos consideraram grave a cola, enquanto que o plágio foi classificado como menos grave; a fraude em projetos coletivos também foi considerada má conduta acadêmica, embora a maioria dos estudantes admita ter se envolvido em tal comportamento. Os resultados indicam, ainda, que os alunos são moralmente ambivalentes, bastante tolerantes com essa prática entre os seus pares e que preferem ignorar o problema, em lugar de relatá-lo.

A análise conjunta das categorias presentes nos 12 artigos dos quatro continentes indica que quanto:

- aos objetivos, a busca de conhecer quantos estudantes praticam fraude acadêmica, suas justificativas para a prática e como a percebem é preponderante. Além desse objetivo, também ocorre a tentativa de relacioná-la com traços de personalidade e se as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) facilitam, ou não, a prática. Em nossa visão, apesar dos artigos pesquisados terem menos de 12 anos, esses objetivos revelaram um estágio inicial de enfrentamento do fenômeno;
- à metodologia, observou-se a preponderância de aplicação de questionários, acompanhados, ou não, de entrevistas ou grupo focal. A escolha dessa técnica de coleta de dados deve-se ao fato do tema ser extremamente complexo e delicado. Poucos estudantes se colocam a disposição para falar, a maioria evita. O questionário, sendo respondido sem identificação, possibilita a expressão do que realmente pensam e fazem;
- aos resultados, as respostas dos questionários indicaram que: a) muitos praticam a fraude acadêmica, apesar de entender sua gravidade;

b) foram elencados vários fatores que se considera a possibilidade de estarem associados, de alguma forma, à prática da fraude. São eles, em relação aos estudantes: baixa autoestima, pouca valorização da lealdade e do esforço, entre outros; em relação ao contexto: este, tal qual, a pressão dos pares exerce influência; envolvimento; e c) há uma preocupação em buscar estratégias de enfrentamento do fenômeno.

4 CONCLUSÃO

A análise e interpretação dos resultados revelaram que muito é necessário fazer para o enfrentamento do fenômeno da fraude acadêmica, pois várias pesquisas restringem-se, ainda, a identificar quem pratica e a visão que têm dessa prática. Nos artigos estudados, não foi apresentada a hipótese de a fraude estar associada a problemas de ordem metodológica, por exemplo, inadequação das estratégias de ensino e instrumentos de avaliação. Quanto à metodologia, as técnicas são limitadas, no nosso entendimento, em função da delicadeza e complexidade do tema. Dentre os resultados, o mais relevante diz respeito ao fato de os estudantes verem a fraude como um mau comportamento, mas ainda assim praticá-la.

Os resultados e sua discussão possibilitam refletir sobre os desafios para a implementação de um sistema educacional eficaz e sobre o que as instituições têm feito para amenizar e até sensibilizar os alunos de que a fraude prejudica a sua formação acadêmica. O fácil e pronto, que não demanda esforço, não promove a aprendizagem.

A principal ideia que se pretendeu chamar a atenção, aqui, é de que a fraude acadêmica constitui uma prática generalizada, naturalizada e banalizada, no espaço escolar, a qual precisa ser enfrentada como um problema educacional e não como um tabu.

Consideramos que as instituições de ensino tanto públicas como privadas precisam rever o que têm feito para enfrentar essa prática. Assim, cabe perguntar: Quais foram os resultados e se houve mudança? Qual a melhor atitude a ser tomada quando se lida com um caso de fraude? De que maneira a prática da fraude pode afetar a formação profissional dos jovens? São questões que devem ser analisadas com cuidado não só pelo sistema educacional como também pela sociedade como um todo.

Portanto, se considerarmos que a fraude acadêmica não qualifica a formação do aluno e não gera conhecimento, ao enfrentarmos esse problema poderíamos aprimorar o ensino brasileiro. Finalmente, para enfrentar a fraude acadêmica, é necessária uma ação proativa em vários níveis do sistema de ensino.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, E. B. “Cola” em sala de aula: a taxionomia é o antídoto. 2009. Disponível em: <http://www.administradores.com.br/artigos/cola_em_sala_de_aula_a_taxionomia_e_o_antidoto/27874/>. Acesso em: 5 mar. 2010.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.
- BOWERS, W. J. *Student dishonesty and its control in college*. New York: Bureau, 1964.
- BRUINI, Eliane da Costa. *Educação no Brasil*. 2008. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/educacao/educacao-no-brasil.htm>>. Acesso em: 12 set. 2012.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1991.
- HOSSNE, W.S.; VIEIRA, S. Fraude em ciência: onde estamos? *Revista Bioética*, 15: 39-47, 2007.
- MCCABE, D. L. Academic dishonesty among high school students. *Adolescence*, 34(136), 681-687, 1999.
- MORAES, Rodrigo. *O plágio na pesquisa acadêmica: a proliferação da desonestidade intelectual*. [s.d.]. Disponível em: <<http://faculdadesocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/4/06.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2011.
- MORESI, Eduardo (Org.). *Metodologia da pesquisa*. Brasília, DF: UCB, 2003.
- PAULSEN, Sandra. *O problema da cola*. Blog do Noblat, 2009. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2009/01/30/o-problema-da-cola-157509.asp>>. Acesso em: 19 set. 2012.
- PIMENTA, M. A. A. Fraude em avaliações na visão de professores e de estudantes: uma reflexão sobre formação profissional e ética. *Revista Profissão Docente*, Uberaba, v. 10, n. 22, p. 124-138, jul./dez. 2010.
- _____. Ética e a formação de professores: uma reflexão sobre a cola. *Revista Educação & Cidadania*, v. 7, n. 1, p. 67- 74, jan./jun. 2008.

PIMENTA, Maria Alzira de Almeida; PIMENTA, Sônia de Almeida. Fraude em avaliações de aprendizagens: estudo comparativo entre o Nordeste e o Sudeste do Brasil. CONGRESO NACIONAL, 4./ ENCUESTRO INTERNACIONAL DE ESTUDIOS COMPARADOS EN EDUCACIÓN - ¿Hacia dónde va la Educación en la Argentina y en América Latina? Construyendo una Nueva Agenda, 3. *Anais...* 2011. Disponível em: <<http://www.revistajuridica.uniube.br/index.php/anais/article/view/436>>. Acesso em: 13 jun. 2012.

SANTOS, Fábio Rocha. Plágio discente no contexto da Educação a distância. SEMINÁRIO MULTIDISCIPLINAR ENIAC 2014, 6. *Anais...* v. 1, n. 6, P. 7-26. Disponível em: <<http://www.eniac.com.br>>. Acesso em: 22 out. 2014.

SILVA, Gabriela Andrade da et al. Um estudo sobre a prática da cola entre universitários. *Psicol. Reflex. Crit.* [online], v.19, n. 1, p. 18-24, 2006. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722006000100004>.

SILVA, Elsa Costa e; CARRILHO, André. Alunos copiam mais nos países mais corruptos. *Diário de Notícias*, 18 de junho de 2006. Disponível em: <<http://www.isa.utl.pt/files/pub/noticias/recortes/alunoscopiam.pdf>>. Acesso em: 8 fev. 2012.

TORRESI, Susana I. C.; PARDINI, Vera L.; FERREIRA, Vitor F. Fraudes, plágios e currículos. *Quím. Nova* [online], v. 32, n. 6, p. 1371-1371, 2009. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-40422009000600001>.

VASCONCELOS, Sonia M. R.. O plágio na comunidade científica: questões culturais e linguísticas. *Cienc. Cult.*, São Paulo, v. 59, n. 3, set. 2007. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252007000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 nov. 2012.